

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRIMEIRA FASE DA REPÚBLICA NA OBRA DE LIMA BARRETO – TRISTE FIM DE POLICARPO

Juan Pablo de Souza Ferreira ¹
Profa. Ma. Belkyra Gulard Galvão ²

RESUMO

Nas aulas de História do Brasil, normalmente, são utilizados mapas, iconografias, recortes de textos antigos como recursos pelo professor para melhor se fazer entender pelos alunos, ao ser explanado o conteúdo proposto. No entanto, um recurso pouco usado são os livros de nossa vasta literatura, nos quais podemos encontrar fatos históricos, modos de vida de uma sociedade, ideologias, referências que podem se perpetuar por vários e vários anos, e que nos pode fazer entender uma época que está ali sendo explanada na sala de aula. Com esse trabalho temos o objetivo de fazer um trabalho interdisciplinar entre as disciplinas de história e literatura com a finalidade de que os alunos percebam os fatos históricos do período da república, aspectos da sociedade estudados nas aulas de história na leitura do livro em questão. Inicialmente com a explanação do conteúdo sobre a república das espadas nas aulas de história, pode-se fazer a leitura do livro e pedindo para que os alunos destaquem alguns aspectos vistos na aula de história, através de fichamentos. Após os destaque pode ser feito uma roda de debate ou um café literário para discutir aquilo que foi percebido durante a leitura do livro com os assuntos da aula de história, e como a literatura ajuda na conservação da história e cultura de um povo. Essa interação entre as disciplinas pode ajudar o aluno a compreender a história do nosso país e o modo de vida da época em estudo. Esse trabalho interdisciplinar pode ajudar no ensino aprendizagem entre as disciplinas em questão, história e literatura, ajudando os alunos a desenvolverem o seu papel de estudante pesquisador.

Palavras-chave: História, Literatura, República, Lima Barreto, Interdisciplinariedade.

INTRODUÇÃO

A primeira fase da República brasileira foi um período conturbado, pois foi uma forma de governo implementada após um golpe dado na monarquia, até então existente no país. Algumas camadas da sociedade participaram desse golpe, no entanto, o povo em si, teve pouca participação efetiva.

Por ora, a cor do governo é puramente militar, e deverá ser assim. O fato foi deles, deles só, porque a colaboração do elemento civil foi quase nula. O povo assistiu àquilo tudo bestializado, atônito, surpreso, sem conhecer o que significava. Muitos acreditavam seriamente estar vendo uma parada (Aristides Lobo).

Aristides Lobo deixa claro nesse trecho da sua carta ao Rio de Janeiro naquele período, que a façanha do novo estilo de governo não teve uma grande abrangência da

¹ Graduando do Curso de Pós-Graduação em Linguística Aplicada a Língua Portuguesa da FADIMAB – Faculdade de Ciências e Tecnologia Professor Dirson Maciel de Barros - PE, juanpabloprofessor@gmail.com ;

² Belkyria Gulard Galvão: Mestra, FADIMAB – Faculdade de Ciências e Tecnologia Professor Dirson Maciel de Barros – PE , belkyria@gmail.com.

participação popular. E por isso, se percebe que a falta dessa participação e o não pensamento em uma reforma social ocasionou alguns embates, enquanto os marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto estiveram no poder.

Apresentar esse primeiro momento da república brasileira é importante para que se tenha um entendimento do pensamento social e político da época e como essa forma de governo foi tomando forma na sociedade brasileira sempre priorizando a uma elite, que até hoje comanda os rumos políticos da nação.

O historiador através de várias fontes tem conseguido contar os fatos ocorridos nesse momento, e o professor utiliza-se desses escritos para passar esse conteúdo para os seus alunos nas suas aulas de história do Brasil. Entretanto, uma ferramenta pouco explorada pelos professores dessa disciplina são os livros da nossa literatura brasileira, que contém uma gama de informações sobre o modo da sociedade da época como também, alguns fatos históricos, os quais podem ajudar ao aluno a entender determinado conteúdo da disciplina de história do Brasil, essa interação interdisciplinar pode ajudar o aluno a entender a sociedade em que vive.

O PRÉ-MODERNISMO E LIMA BARRETO

O Pré-Modernismo foi o período que compreendeu o fim do século XIX e o início do século XX. Nesse período temos em voga os movimentos literários conhecidos como Realismo, Naturalismo e Simbolismo, que influenciam essa corrente. Esse movimento é tido como face de transição entre o simbolismo e o modernismo.

Este movimento literário representa uma inovação do que seria o modernismo em si, mas sem se desprender totalmente das concepções anteriores. Temos a retratação da realidade social e cultural do país.

O período histórico que corresponde ao Pré-Modernismo é à Belle Époque (Bela Époque) período em que há uma grande evolução das ciências, onde houve um aperfeiçoamento bélico dos países, as disputas imperialistas se acirraram invenções que transformam a forma de se comunicar e de se deslocar no espaço representam as modificações da sociedade.

[...] avanços tecnológicos, sociais e políticos alastravam-se pela Europa e pelos Estados Unidos numa escala nunca vista em qualquer outro período, um piscar de olhos da experiência humana. Einstein anunciou a sua teoria

especial da relatividade, Marie Curie isolou o rádio, e Leo Baekeland inventou a baquelita, o primeiro polímero sintético. Telefones, gramofones, veículos motorizados, sessões de cinema e casas com eletricidade tornaram-se lugar-comum entre pessoas abastadas nas sociedades mais ricas. Jornais de circulação em massa adquiriram influência social e poder político sem precedentes (HASTINGS, Max. In FERNANDES, Cláudio. "Belle Époque"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/belle-epoque.htm>. Acesso em 28 de novembro de 2019)

Esse avanço terminaria na Grande Guerra que devastou boa parte da população da Europa, mostrando-se bem mais destrutiva e poderosa que os conflitos anteriores. É nesse período que surge o movimento pré-modernista.

No Brasil, o pré-modernismo chega no momento da instauração do novo governo, a República, na sua face militar e passagem para a República Oligárquica, onde se observa o revezamento das oligarquias paulistas e mineiras no poder federal apoiadas pelas demais oligarquias estaduais.

Entre os pré-modernistas brasileiros temos Augusto dos Anjos, Monteiro Lobato, Euclides da Cunha, Graça Aranha e Lima Barreto.

Afonso Henriques de Lima Barreto, esse era o nome completo de Lima Barreto. Ele nasce no Rio de Janeiro em 1881, seus pais eram mulatos, seu pai era tipógrafo e sua mãe professora primária. Sua mãe morre quando ele tinha 7 anos e após a libertação dos escravos seu pai perde o emprego e eles vão morar na Ilha do Governador. Lima Barreto consegue estudar e ter uma boa educação por conta do esforço de seu pai. Enquanto estava na faculdade de Engenharia, o seu pai adoece e isso causa seu afastamento dos estudos.

Sobre Barreto nos diz Alfredo Bosi:

A biografia de Lima Barreto explica o hùmus ideológico da sua obra: a origem humilde, a cor, a vida penosa de jornalista pobre e de pobre amanuense, aliadas à viva consciência da própria situação social, motivaram aquele socialismo maximalista, tão emotivo nas raízes quanto penetrante nas análises. [...] Lima Barreto viera da pequena classe média suburbana, e como suburbano reagia em termos de conservantismo sentimental. Poderíamos filiar a sua xenofobia a um natural instinto de defesa étnico (BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2017, p.338-339).

O livro analisado foi *Triste Fim* de Policarpo Quaresma, um romance pré-modernista escrito e publicado em 1915. O livro é composto de 15 capítulos divididos em 3 partes, cada parte correspondendo a uma fase da vida do personagem principal Policarpo Quaresma.

A primeira parte do livro corresponde à fase nacionalista de Quaresma, não que a segunda parte também não seja, mas a paixão pelo Brasil é mais evidente nos capítulos dessa parte.

Na primeira parte percebemos o quanto o nacionalismo de Quaresma é exacerbado, seu amor pela pátria se reflete em seus estudos, ele possuía vários livros de autores que falavam sobre o Brasil:

Na ficção, havia unicamente autores nacionais ou tidos como tais: o Bento Teixeira, da *Prosopopeia*, o Gregório de Matos, o Basílio da Gama, o Santa Rita Durão, o José de Alencar (todo), o Macedo, o Gonçalves Dias (todo), além de muitos outros. [...] De história do Brasil, era farta a messe: os cronistas, Gabriel Soares, Gandavo, e Rocha Pita, Frei Vicente Salvador, Armitage, Aires Casal, Pereira da Silva, Handelmann (*Geschichte von Brasilien*), Melo Moraes, Capistrano de Abreu, Southey, Varnhagen, além de outros mais raros ou menos famosos. Então no tocante a viagens e explorações, que riqueza! Lá estavam Hans Staden, o Jean de Léry, o Saint-Hilaire, o Martius, o príncipe de Neuwied, o John Mawe, o von Eschwege, o Agassiz, Couto Magalhães, e se encontravam também Darwin, Freycinet, Cook, Bougainville e até o famoso Pigafetta, cronista da viagem de Magalhães (BARRETO, 2011, p.22).

Sem dúvida Quaresma é o personagem mais emblemático da história, pois tenta ele em sua razão convencer os demais do amor à pátria, de um certo modo quixotesco, de certa forma lembra o Dom Quixote de Cervantes, um herói pitoresco. Sobre essa obra nos diz BOSSI:

Triste Fim de Policarpo Quaresma é um romance em terceira pessoa, em que se nota maior esforço de construção e acabamento formal. Lima Barreto nele conseguiu criar uma personagem que não fosse mera projeção de amarguras pessoais como o amanuense Isaías Caminha, nem um tipo pré-formado, nos moldes das figuras secundárias que pululam em todas as suas obras. O Major Quaresma não se exaure na obsessão nacionalista, no fanatismo xenófobo; pessoa viva, as suas reações revelam o entusiasmo do homem ingênuo, a

distanciá-lo do conformismo em que se arrastam os demais burocratas e militares reformados cujos bocejos amornecem os serões do subúrbio. No dizer arguto de Oliveira Lima, tem Policarpo algo de quixotesco, e o romancista soube explorar os efeitos cômicos que todo quixotismo deve fatalmente produzir, ao lado do patético que fatalmente acompanha a boa-fé desarmada (BOSSI, 2017, p.341).

Quaresma é descrito assim por Barreto:

Quaresma era um homem pequeno, magro, que usava pince-nez, olhava sempre baixo, mas, quando fixava alguém ou alguma coisa, os seus olhos tomavam, por detrás das lentes, um forte brilho de penetração, e era como se ele quisesse ir à alma da pessoa ou da coisa que fixava. Contudo, sempre os trazia baixos, como se se guiasse pela ponta do cavanhaque que lhe enfeitava o queixo. Vestia-se sempre de fraque, preto azul, ou de cinza, de pano listrado, mas sempre de fraque, e era raro que não se cobrisse com uma cartola de abas curtas e muito alta, feita segundo um figurino antigo de que ele sabia com precisão a época (BARRETO, 2011, p.20-21).

Juntamente com Quaresma temos o Ricardo Coração dos Outros, um violista, suburbano, que difundiu a modinha, vista por Policarpo, como a representação da cultura musical nacional. Esse personagem de certa forma alimenta o nacionalismo de Quaresma, pois o ensina o violão. Na segunda parte do livro há uma descrição da vida desse personagem.

A segunda parte do livro mostra o segundo momento da vida de Policarpo Quaresma, quando ele deixa o manicômio após ser internado, e vai morar em um sítio afastado da cidade, o sítio do Sossego. Ele vai parar nesse sítio, pois é afastado da repartição e internado após por acidente mandar um ofício em Tupi para o ministério.

No sítio, um local bucólico, Policarpo terá a aventura de viver como um agricultor, nesse momento de sua vida, ele tentará ver e pôr em prática aquilo que virá nos seus livros sobre as terras do Brasil. No início a sua luta é dura, ao enfrentar terras não tão férteis, cheias de ervas daninhas e erosões, as formigas nem se fala,

O capim e o mato cobriam as suas terras. As laranjeiras, os abacateiros, as mangueiras estavam sujos, cheios de galhos mortos, e cobertos de uma medusina cabeleira de erva-de-passarinho; mas, como não fosse época própria à poda e ao corte dos galhos (IBIDEM, 2011, p. 90).

[...] Os batráquios pararam; a bulha continuava. O major levantou-se, agarrou o castiçal e foi à dependência da casa donde partia o ruído, assim mesmo como estava, em camisa de dormir. Abriu a porta; nada viu. Ia procurar nos cantos, quando sentiu uma ferroadada no peito do pé. Quase gritou. Abaixou a vela pra ver melhor e deu com uma enorme saúva agarrada com tanta fúria à sua pele magra. Descobriu a origem da bulha. Eram formigas que, por um buraco no assoalho, lhe tinham invadido a despensa e carregavam as seus reservas de milho e feijão, cujos recipientes tinham sido deixados abertos por inadvertência (IBIDEM, 2011, p.123)

Apesar de toda adversidade, Quaresma consegue produzir e ganha um pouco de dinheiro com sua produção. Ajudam a quaresma nesse momento os dois personagens, Anastácio e Mané Candeeiro, como também Felizardo e sua esposa, Sinhá Chica, a parteira mais conhecida da região.

Nesse período da vida de Quaresma, Barreto nos mostra um pouco do que viria se tornar a república, os domínios e as disputas das oligarquias.

[...] e o major ficou a pensar no interesse estranho que essa gente punha nas lutas políticas, nessas tricas eleitorais, como se nelas houvesse qualquer coisa de vital e importante. Não atinava por que uma resinga entre dois figurões importantes vinha pôr desarmonia entre tanta gente, cuja vida estava tão fora da esfera daqueles. [...]. Porque não se empregava o esforço que se punha naqueles barulhos de votos, de atas, no trabalho de fecundá-la, de tirar dela seres, vidas – trabalho igual ao de Deus e dos artistas? (IBIDEM, 2011, p.95)

O segundo momento da vida de Quaresma acaba com a sua volta ao Rio de Janeiro para prestar seus serviços ao então presidente o Marechal Floriano Peixoto, na Revolta da Armada. Policarpo descobre sobre o conflito em um jornal e sem demora parte para a capital para falar com o presidente e lhe oferecer os seus serviços. É o que acontece na terceira parte do livro, o terceiro momento da vida do nosso herói.

O seu encontro não tão animador, por parte do Presidente colocando-se apático com Policarpo, não o desanima, pelo contrário, o seu ânimo dobra mesmo depois da tão pouca atenção dada ao seu escrito sobre suas propostas para melhorar o país, dado ao presidente. O convite para participar de um batalhão e a escolha do cargo o anima.

Nesse terceiro momento Lima Barreto nos mostra a como se deu a Revolta da Armada e o seu desfecho, pondo nosso herói nacionalista como carro chefe do engajo

na luta em defesa do regime republicano. No entanto após o seu ferimento em combate, há uma desilusão do personagem com relação às ideias defendidas por ele, e da pessoa do presidente, depois de presenciar a cena de escolha dos prisioneiros para o fuzilamento. Mesmo sendo caseiro, viu naquela cena um ato desumanizado digno de total repúdio, que ao manifestá-lo em carta ao Marechal, é considerado traidor e acaba tendo o mesmo destino dos presos que vigiara.

Nessa terceira parte podemos ver a atuação de alguns personagens, mas principalmente de Quaresma, Ricardo que se torna cabo, e que junto com a afilhada de Quaresma, após ele se preso, tenta desesperadamente salva o amigo da morte. Percebe-se a atuação dos generais nesse momento, Albernaz, Contra-almirante Caldas, Tenente Fontes, e do próprio Floriano Peixoto que se encontra com Quaresma no batalhão ao qual servia quaresma e o chama de visionário, momentos antes do fim do conflito e da prisão de Quaresma, cuja prisão o leva a morte. No primeiro momento Quaresma é visto como o patriota, que queria a exaltação da pátria e no fim acaba como traidor da pátria que tanto adorava.

ENCONTRANDO ELEMENTOS HISTÓRICOS NO LIVRO DE LIMA BARRETO PARA SER USADOS NAS AULAS DE HISTÓRIA.

A forma de governo chamada de República como conhecemos hoje foi instituída no nosso país em 15 de novembro de 1889, através de um golpe dado na monarquia brasileira. Vários fatores contribuíram para que os militares descontentes e outros grupos se unissem em prol do ideal republicano.

Claro que há algumas diferenças de como está hoje a forma de governo, pois passou por um processo de redemocratização, após o fim do período militar, no entanto, há certas práticas políticas dos dias atuais que se assemelham e muito com a forma de fazer política desse período.

Utilizando-se do livro de Lima Barreto nas aulas de história foi realizado um trabalho interdisciplinar do professor de história com o professor de literatura, em uma escola privada do município de Goiana – PE, no 9º ano do ensino fundamental, neste trabalho buscou-se na obra os elementos históricos, uma vez vistos nas aulas sobre o início da república.

Para isso se faz necessário à leitura da obra pelos alunos e pelo professor de história, uma vez feita à apreciação do livro, é hora do direcionamento do professor de

história em parceria com o professor de literatura para que os discentes encontrem os fatos históricos, vistos em seus livros de história, no romance.

Para guiá-los foi usado um questionário elaborado pelo professor da disciplina de história, mas também pode ser usado um guia com palavras-chaves para orientá-los nas buscas.

Entender como foi o processo da mudança do governo de monarquia para república e como isso afetou a sociedade da época é crucial para compreendermos os rumos que o nosso país levou após a república. A reação social a essa mudança pode ser percebida em algumas obras literárias, para isso analisamos com os alunos o romance de Lima Barreto.

O primeiro elemento a ser encontrado é o Nacionalismo que foi uma ideologia-chave para desenvolver o novo regime tanto política como economicamente. E esse nacionalismo é visto no personagem Quaresma que, por sua paixão à pátria, é ridicularizado pelos demais colegas de trabalho e por alguns de seus amigos. Há várias passagens no romance que mostram esse nacionalismo de Policarpo.

Essa busca por uma identidade nacional, patriota, na época, se fazia necessário para criar um sentimento de pertencimento e que pudesse despertar na população a aceitação do novo regime.

Destacamos aqui uma passagem como exemplo:

A nossa terra, que tem todos os climas do mundo, é capaz de produzir tudo que é necessário para o estômago mais exigente [...] – Mas é um erro... não protegem as indústrias nacionais...comigo não há disso: de tudo que há nacional, eu não uso estrangeiro. Visto-me com pano nacional, calço botas nacionais, e assim por diante (BARRETO, 2011, p.25).

Outra passagem que pode ser destacada sobre o nacionalismo é no momento em que Policarpo manda uma petição para o congresso para que a língua tupi seja colocada como língua oficial do país, mostrando aí a busca pelo nacionalismo.

Um segundo elemento a ser destacado é o que se diz sobre o Marechal Floriano Peixoto, na obra há algumas passagens sobre a pessoa do presidente, como também, como era o seu governo.

Destacamos uma passagem como exemplo:

Quaresma pôde, então, ver melhor a fisionomia do homem que ia enfeixar em suas mãos, durante quase um ano, tão fortes poderes, durante quase um ano, tão fortes poderes, poderes de imperador romano [...] Era vulgar e desoladora. O bigode caído; o lábio inferior pendente e mole a que se agarrava uma grande “mosca”; os traços flácidos e grosseiros; não havia nem o desenho do queixo ou olhar que fosse próprio, que revelasse algum dote superior. Era um olhar mortiço, redondo, pobre de expressões, a não ser de tristeza que não lhe era individual, mas nativa, de raça; e todo ele era gelatinoso – parecia não ter nervos (IBIDEM, 2011, p.153-154)

A Segunda Revolta da Armada, um conflito importante da recém-república é retratado no livro. E pode ser destacado pelos alunos, observando as descrições de como foi o conflito que está evidenciado no romance.

E assim era. Quase todas as tardes havia bombardeio, do mar para as fortalezas, e das fortalezas para o mar; e tanto os navios como os fortes saíam incólumes de tão terríveis provas. Lá vinha uma ocasião, porém, que acertavam, então os jornais noticiavam: “Ontem, o forte Acadêmico fez um maravilhoso disparo. Com o canhão tal, meteu uma bala no Guanabara”. No dia seguinte, o mesmo jornal retificava, a pedido da bateria do cais Pharoux, que era a que tinha feito o disparo certo (IBIDEM, 2011, p.170)

Um importante destaque pode ser feito na obra é o a característica da sociedade e do pensamento sobre a cidade do Rio de Janeiro, o preconceito com o subúrbio, a cultura da época através da modinha.

No capítulo 2 da obra os subúrbios são descritos, pois o autor faz uma descrição da vida de Ricardo Coração dos Outros, o tocador de violão, que fazia as modinhas que, para Quaresma, era a maior expressão da cultura brasileira.

Os subúrbios do Rio de Janeiro são a mais curiosa coisa em matéria de edificação de cidade. A topografia do local, caprichosamente montuosa, influiu, decerto, para tal aspecto, mais influíram, porém, os azares das construções. [...] As casas surgiram como se fossem semeadas ao vento e, conforme as casas, as ruas se fizeram. Há algumas delas que começam largas como *boulevards* e acabam estreitas que nem vielas; dão voltas, circuitos inúteis, e parecem fugir ao alinhamento reto com um ódio tenaz e sagrado. Às vezes se sucedem na mesma direção com uma frequência irritante, outras se afastam, se deixam de permeio um longo intervalo coeso e fechado de

casas. Num trecho, há casas amontoadas umas sobre as outras numa angústia de espaço desoladora, logo adiante um vasto campo abre ao nosso olhar uma ampla perspectiva. Marcham, assim ao acaso, as edificações e, conseqüentemente, o arruamento. Há casas de todos os gostos e construídas de todas as formas (IBIDEM, 2011, p.97).

O preconceito evidente ao personagem Ricardo Coração dos Outros e a cultura da modinha e ao violão, que se destaca:

Logo pela primeira vez o caso intrigou a vizinhança. Um violão em casa tão respeitável! Que seria? [...] Mas não foi preciso pôr na carta; a vizinhança concluiu logo que o major aprendia a tocar violão. Mas que coisa? Um homem tão sério metido nessas malandragens! [...] – Policarpo, você precisa tomar juízo. Um homem de idade, com posição, respeitável, como você é, andar metido com esse seresteiro, um quase capadócio, não é bonito! [...] – Mas você está muito enganada, mana. É preconceito supor-se que todo homem que toca violão é um desclassificado. A modinha é a mais genuína expressão da poesia nacional e o violão é o instrumento que ela pede (IBIDEM, 2011, p.20-21).

Com esses destaques é perceptível o pensamento preconceituoso e escravista ainda imperava na sociedade da época com relação àqueles que moravam afastados do centro da cidade e habitavam os subúrbios da então capital federal, mesmo após alguns anos da libertação dos escravos.

Barreto ainda nos mostrar uma descrição da sociedade da época ao apontar como se vestiam as moças e que circulavam pelas cidades e também através da pobreza das casas que havia nos subúrbios ao relatar a divisão dos cômodos dessas casas para abrigar as famílias que ali viviam.

Há pelas ruas damas elegantes, com sedas e brocados, evitando a custo que a alma ou o pó lhe empanem o brilho do vestido; há operários de tamancos; há peralvilhos a última moda; há mulheres de chita; e assim pela tarde, quando essa gente volta do trabalho ou do passeio, a mescla se faz numa mesma rua, num quarteirão, e quase sempre o mais bem-posto não é que entra na melhor casa. Além disto, os subúrbios têm mais aspectos interessantes, sem falar no namoro epidêmico e no espiritismo endêmico; as casas de cômodos (quem as suporia lá!) constituem um deles, bem inédito. Casas que mal dariam para uma pequena família são divididas, subdivididas, e os minúsculos aposentos

assim obtidos, alugados à população miserável da cidade. Aí, nesses caixotins humanos, é que se encontra a fauna menos observada da nossa vida, sobre a qual a miséria paira com um rigor londrino (IBIDEM, 2011, p.98).

Os destaques são descobertos pelos alunos e guiados pelos professores, no trabalho interdisciplinar pode haver um jogo de comparação para instigar os alunos com os costumes da época com os de hoje.

Para expor o fruto das buscas dos discentes foi realizado um café literário, no qual através de uma roda de conversa os alunos mostraram suas impressões sobre o livro, os fatos históricos achados no romance e comparações sobre os costumes da sociedade da época com o que eles vivem hoje, como por exemplo, a questão do casamento vivido pela personagem Ismênia no romance de Lima Barreto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho foi desenvolvido no período da graduação como um trabalho de conclusão de curso e posteriormente aplicado em uma turma do 9º ano de uma escola privada do município de Goiana – PE.

Não há uma fórmula pronta para que o trabalho interdisciplinar entre história e literatura seja feito, mas a metodologia aplicada foi uma das mais variadas formas que poderia ser trabalhado o romance de Lima Barreto em sala de aula.

A pesquisa inicial da graduação foi transformada em um projeto que culminou com um café literário, no qual, os alunos puderam expor em uma roda de conversa os seus pontos de vista com relação ao livro, o que eles perceberem de elementos históricos na obra, com aquilo que eles viram na aula de história.

O objetivo final do trabalho foi instigar aos alunos a irem além daquilo que o livro de história traz e aguçar a curiosidade deles em poder pesquisar através de outras fontes o conteúdo histórico sobre a república.

REFERÊNCIAS

"Pré-Modernismo" em *Só Literatura*. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2007-2019. Consultado em 28/11/2019 às 19:52. Disponível na Internet em <http://www.soliteratura.com.br/premodernismo>

Barreto, Lima. Triste Fim de Policarpo Quaresma. 5ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.

Bosi, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 2017.

Fernandes, Cláudio. "Belle Époque"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/belle-epoque.htm>. Acesso em 28 de novembro de 2019